

COLÉGIO ESTADUAL ATHENEU SERGIPENSE

PROFESSORA: CLÉLIA FERREIRA RAMOS

UM QUÊ DE NEGRITUDE

APOSTILA DE ARTES CÊNICAS

“O teatro é a poesia que sai do livro e se faz humana.”

(Federico García Lorca)

ARACAJU - SE

2013

EXPOSIÇÃO DO ASSUNTO

A questão racial parece um desafio do presente, mas tem sido permanente. Modifica-se ao acaso das situações, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, mais reitera-se continuamente, modificada mas persistente. Esse é o enigma com o qual se defrontam uns e outros, intolerantes e tolerantes, discriminados e preconceituosos, segregados e arrogantes, subordinados e dominantes, em todo o mundo. Mais do que tudo



isso, a questão racial revela, de forma particularmente evidente, nuançada e estridente, como funciona a fábrica da sociedade, compreendendo identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, dominação e alienação.

Vista assim, em perspectiva ampla, a história do mundo moderno é também a história da questão racial, um dos dilemas da modernidade. Ao lado de outros dilemas, também fundamentais, como as guerras religiosas, as desigualdades masculino-feminino, o contraponto natureza e sociedade e as contradições de classes sociais, a questão racial revela-se um desafio permanente, tanto para indivíduos e coletividades, como para cientistas sociais, filósofos, artistas. Uns e outros com frequência são desafiados a viver situações e/ou interpretá-las, sem alcançar a explicação, nem resolver a situação. São muitas, recorrentes e diferentes, as tensões e contradições polarizadas em termos preconceitos, xenofobia, etnicismos, segregacionismos ou racismos, multiplicados ou reiterados no curso dos anos, décadas e séculos, nos diferentes países, continentes, ilhas, arquipélagos.

Mas é possível imaginar que esses problemas ou enigmas podem ser fermentos de outras formas de sociabilidade, outros jogos de forças sociais, outro tipo de sociedade, outro modo de produção e processo civilizatório; com os quais se põe em causa a ordem social burguesa prevalecente, revelando-se a sua incapacidade e impossibilidade de resolvê-los, reduzi-los ou eliminá-los. Sim, esses problemas ou enigmas podem ser tomados como contradições sociais abertas, encobertas ou latentes, permeando amplamente o tecido das sociedades nacionais e da sociedade mundial, com os quais se fermenta a sociedade do futuro.

JUSTIFICATIVA

Diversos estudos produzidos recentemente têm contribuído para a melhor compreensão de um problema que, apesar de ter raízes que remontam ao passado escravista e colonial, tem adquirido novos contornos na sociedade brasileira ao longo do século XXI. Trata-se da desigualdade. A literatura existente nessa área tem crescido muito com a produção de estudos que focalizam não apenas a dimensão econômica, mas também de gênero, cor, região, etc.

A ascensão social da população negra tem como maior obstáculo a discriminação racial em nossa sociedade. Ao incorporar uma representação do espaço social como um espaço em que é possível a ascensão social, os cidadãos negros de classe média vezes relevam o fato de o racismo existente na sociedade brasileira tornar suas perspectivas de futuro frustradas, o que corresponde a reconhecermos que um conjunto de possibilidade teoricamente existente, na praticas pode ser convertido em uma população social correspondente.

A produção continua e sistemática de evidências empíricas sobre a desigualdade racial no Brasil contrasta com o pequeno numero de estudos sobre o modo como a população em geral e, especificamente, os jovens interpretam as suas experiências – objetivas e subjetivas – com a desigualdade racial, bem como sobre os processos de construção de identidade.



O presente projeto visa contribuir nesse estudo, tomando como objetivo de análise os modos de percepção do racismo que estão se difundido na população e, especificamente, entre jovens estudantes, o que significa destacar os pontos de convergência e de divergência existentes nos discursos do senso comum, a sua relação com os discursos acadêmicos e as variações por fatores como classe, gênero, cor e grau de instrução. À luz destas reflexões, pretende-se examinar as percepções e definições sobre as desigualdades na sociedade brasileira que tem se difundido nos discursos populares, e a interlocução entre estes discursos e aqueles produzidos no meio escolar.

A partir daí, o projeto se concentrará na análise das diversas explicações para as desigualdades que aparecem nos discursos em sala de aula. Em um terreno tão permeável e aberto a diferentes interpretações como a problemática do preconceito racial, este projeto vida

construir um solo embasado em fatos, estatísticas e realidades concretas, pautadas tão somente em argumentos que sustentam as posições favoráveis e contrárias ao desenvolvimento de um senso crítico e social do aluno.

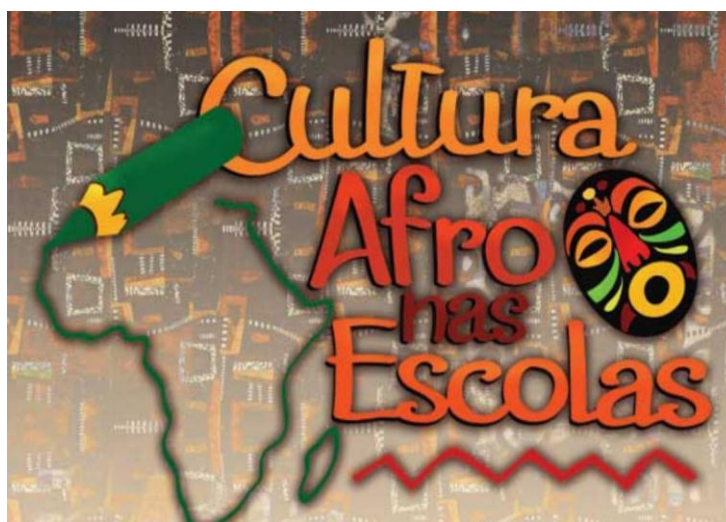
EMBASAMENTO LEGAL

O Projeto UM QUÊ DE NEGRITUDE, entre outros aspectos, visa cumprir a lei Federal 10.639/2003 e também a Lei Estadual 5.497/2004, a saber:

“A Lei será igual a todos, quer proteja, quer castigue, e recompensará em proporção dos merecimentos de cada um”. (Art. 179, inciso XIII da Constituição Política do Império do Brasil, de 25 de março de 1824)

“Todos são iguais perante a lei”. (Art. 72 § 2º da Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de fevereiro de 1891)

“Todos são iguais perante a lei. Não haverá privilégios, nem distinções, por motivos de nascimentos, sexo, raça, profissões próprias ou dos pais, classe social, riqueza, crenças religiosas ou ideia políticas”.(Art. 113, § 6º da Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de julho de 1934)



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

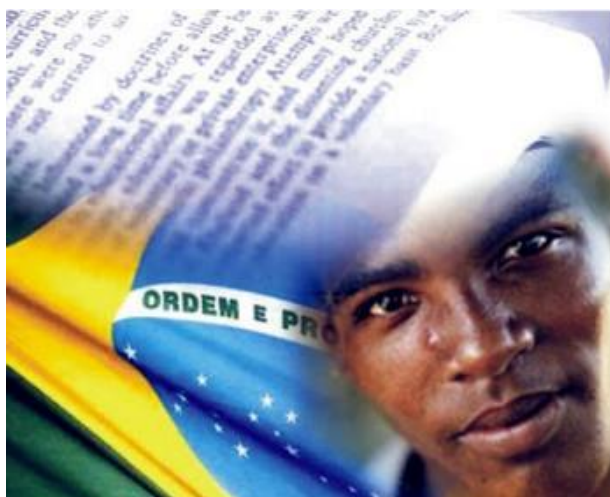
LEI Nº 5.497
DE 23 DE DEZEMBRO DE 2004
Publicado no Diário Oficial Nº 24680, do dia 24/12/2004

Dispõe sobre a obrigatoriedade do Conselho Estadual de Educação estabelecer e normatizar as Diretrizes Operacionais, para a inclusão nos currículos da Educação Básica das Redes Pública e Particular do Estado de Sergipe o ensino obrigatório da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana", conforme a Lei Federal 10.639 de 09 de janeiro de 2003 e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE:

Faço saber que a Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. É obrigatório, no prazo de 90 dias a partir da aprovação desta Lei, a apresentação de Diretrizes Operacionais por parte do Conselho Estadual de Educação, para a implementação curricular da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana" nas Redes Pública e Particular de Ensino do Estado de Sergipe em cumprimento à Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003.



REFERENCIAL TEÓRICO

As desigualdades sociais impostas pelos homens afetam a capacidade de inserção dos descendentes de africanos, de uma forma geral, na sociedade brasileira, comprometendo o projeto de construção de um país democrático e com oportunidades iguais para todos. Isso dificulta e até impede o acesso à formação acadêmica, diminuindo as possibilidades de profissionalização para a educação escolar, o que pode prejudicar as suas condições de vida como um todo.

Mas, e o que é o racismo?

"[...] uma ideologia, uma estrutura e um processo pelo qual grupos específicos, com base em características biológicas e culturais verdadeiras ou atribuídas, são percebidos como uma raça ou grupo étnico inerentemente diferente e inferior. Combater o racismo não significa lutar contra indivíduos, mas se opor às práticas e ideologias pelas quais o racismo opera através das relações culturais e sociais" (ESSED, 2003, p. 174).

Dizer que duas pessoas são diferentes é dizer que alguma coisa as distingue. No entanto, o que se tem produzido socialmente é que se estabelecem grandes confusões entre diferença e desigualdade. E para passar da diferença à desigualdade, é preciso cometer dois erros de raciocínio lógico. O primeiro erro consiste em esquecer que as características

humanas são muito numerosas; escolhe-se, então, arbitrariamente, uma para decretar quem é mais... Do que o outro. O segundo erro consiste em confundir uma observação mais ou menos objetiva com um juízo de valor.

Confundem-se, geralmente, diferenças com desigualdades e a essência do pensamento racista é: o outro só pode ser inferior. A confusão entre diferença e desigualdade é tão antiga quanto a dominação dos homens sobre as mulheres, assim como a ideia segundo a qual a divisão do trabalho e as desigualdades a elas associadas seriam vantajosas para todos, constituindo-se numa desigualdade natural e, portanto, diante da qual não podemos fazer absolutamente nada. No entanto, concordamos com Schiff (1993) que os fenômenos sociais são feitos pelos homens, podendo por eles, serem modificados.



O 13 de maio de 1888 marcou um momento crucial de um processo iniciado ainda nos tempos do Brasil colonial: a luta do cativo pela liberdade. O escravo emancipado perceberá que esse processo ainda não findara e que, como assinala Bosi (1992: 271), avançava em duas direções:

“Para fora: o homem negro é expulso de um Brasil moderno, cosmético, europeizado. Para dentro: o mesmo homem negro é tanguado para os porões do capitalismo nacional, sórdido, brutesco. O senhor liberta-se do escravo e traz ao seu domínio o assalariado, migrante ou não. Não se decretava oficialmente o exílio do ex-cativo, mas este passaria a vivê-lo como um estigma na cor da sua pele.”

Os caminhos dos negros após a abolição foram diferentes e de acordo com fatores como: particularidades regionais, conjuntura econômica, proporção em relação à população geral, concorrência no mercado de trabalho. Eles se espalharam nas zonas rurais – economias de subsistência, monoculturas – fundindo-se com as amplas camadas da população. Substituído nas fazendas de café pelo imigrante – branco europeu ou japonês – também foi preterido nas cidades enquanto mão-de-obra para a nascente indústria brasileira. Censo da época indica que a maioria absoluta (mais de 80%) dos operários eram imigrantes, sobretudo italianos. A experiência acumulada pelo ex-escravo durante anos não lhe era suficiente para enfrentar a concorrência. Escravo no passado, ele deveria se especializar e aprender a vender a sua força de trabalho.

Por outro lado, é preciso reconhecer que ele carregava o estigma de um passado marcado pelo trabalho escravo, gerador de conflitos entre as exigências do tipo de trabalho assalariado e a forma como os escravos o encaravam. Com analisa Florestan Fernandes, o imigrante embora se rebelasse contra as condições de vida e de trabalho, deformadas pelas sobrevivências do padrão de trabalho servil, aceitavam as condições impostas pelo contrato de trabalho capitalista e via nesse a possibilidade de constituir uma poupança e ascender socialmente.

A educação é a expressão da sociedade e não o contrário, uma vez que, por si mesma, não tem condições de mudar a realidade vigente. No entanto, a educação escolar precisa assumir o seu papel para minimizar a desigualdade social no Brasil. A educação, na instituição escolar, tem uma função social relevante, e dentro dessa função social, uma questão que se apresenta de forma urgente é a discussão sobre o preconceito de uma forma geral, bem como daquele que este projeto visa tratar – o preconceito racial. A escola também pode ser vista como um dos mecanismos que compõe o caminho que nos torna o que somos, pois ela ao se relacionar com a cultura, o poder e a representação, expressa a sociedade na qual estamos inscritos, forjados na concepção antropocêntrica, falocêntrica e etnocêntrica da tradição Europeia, e em sua forma de ver o mundo.



A identidade do homem, isto é, a sua construção, é realizada por meio dos atributos culturais que são adquiridos pela herança cultural. Isso significa que há diferenças entre os diferentes grupos humanos: brancos, negros, amarelos e vermelhos. Nessa diferença o preconceituoso não consegue conceber a riqueza cultural, mas a desigualdade entre os homens. Diante disso, é necessário inferiorizar o grupo humano que não pertence ao grupo humano majoritário, historicamente.



O cabelo encaracolado passa a ser denominado de forma pejorativa como cabelo Bombril. A cor da pele passa pelo filtro discriminador do preconceituoso como uma forma de tentar colocar o outro "no seu devido lugar", denominando-o de "neguinho". Utiliza-se da denominação diminutiva para que o outro se encolha, se sinta pequeno, de menor valor, violentando a sua identidade cultural.

Este projeto busca, baseado nisso, fazer com que os alunos mergulhem no universo da cultura negra, suas raízes, seus ensinamentos. Passem a olhar sob uma ótica diferente o preconceito racial sofrido por inúmeros cidadãos brasileiros que buscam tão somente ser recebido pelo outro como devem ser: Um semelhante.

UM QUÊ DE NEGRITUDE

Fruto de uma ideia original da Prof.^a Clélia Ferreira Ramos, lotada no Colégio Estadual Atheneu Sergipense, com base em um projeto fundamentado na obrigatoriedade do ensino de História da África nas escolas brasileiras, lastreado pelas leis N^o 10.639/ 03, promulgada pelo governo federal e a de n^o 5.497/04 do governo do Estado de Sergipe nascia assim o Grupo Um Quê de Negritude.



O presente projeto visa contribuir nesse estudo, tomando como objetivo de análise os modos de percepção do racismo que estão se difundido na população e, especificamente, entre jovens estudantes, o que significa destacar os pontos de convergência e de divergência existentes nos discursos do senso comum, a sua relação com os discursos acadêmicos e as variações por fatores como classe, gênero, cor e grau de instrução. À luz destas reflexões, pretende-se examinar as percepções e definições sobre as desigualdades na sociedade brasileira que tem se difundido nos discursos populares, e a interlocução entre estes discursos e aqueles produzidos no meio escolar.

A partir daí, o projeto se concentrará na análise das diversas explanações para as desigualdades que aparecem nos discursos em sala de aula. Em um terreno tão permeável e aberto a diferentes interpretações como a problemática do preconceito racial, este projeto visa construir um solo embasado em fatos, estatísticas e realidades concretas, pautadas tão somente em argumentos que sustentam as posições favoráveis e contrárias ao desenvolvimento de um senso crítico e social do aluno.

Conhecer a cultura negra e suas vertentes é mergulhar em um universo de característica e nuances que são extremamente peculiares às origens Afro. Pensando nisso é que o Projeto UM QUÊ DE NEGRITUDE desenvolve atividades que exploram a diversidade dessa cultura no âmago de sua essência.

REPERCUSSÃO DOS QUATRO ANOS DE PROJETO

O projeto um quê de negritude entra em seu quinto ano pautado numa trajetória de sucesso. Em 2007 apresentou no teatro Atheneu Sergipense o espetáculo “bataques e tambores: o canto da senzala” e “todo camburão tem um pouco de navio negreiro” em um total de três horas interruptas de espetáculo. Em 2008 estreou com “um canto de fé, um sangue guerreiro: os santos do meu navio negreiro” onde reproduzia a ópera de Altay Veloso, o Alabê de Jerusalém. Neste ano, foram realizadas mais de treze apresentações com enfoque para a participação na abertura das comemorações da lavagem da Conceição realizado na Rua de São João com destaque pela mídia local, além da apresentação realizada na senzala do barro preto – bloco Ilê Aiyê (Salvador/Bahia) em dezembro de 2008. No ano de 2009 o espetáculo: “Gira – O Movimento da Aruanda”, no ano de 2010 o espetáculo: Yá – Mulher Negra, Mulher Guerreira. No ano de 2011 com o espetáculo onde contamos com um corpo de baile de 40 dançarinos uma produção de mais de 20 integrantes incluindo maquiadores, figurinistas, figurantes e etc. Ainda em dezembro de 2009 o grupo foi contemplado com um “workshop” na fundação Pierre Verger no qual participamos de aulas de dança e de teatro com professores gabaritados.

Em cinco anos foram em torno de 180 alunos envolvidos, 10 coordenadores 12 técnicos de cenário, iluminação e sonorização e um público total de quase 16.000 espectadores em eventos como novembro negro da diretoria de educação de Aracaju, I, II, III e IV semana da consciência negra da Universidade Tiradentes, 7ª, 8ª e 9ª aula show de Gilvan Costa no IFS-SE, semana de arte e educação também do IFS-SE e da secretaria de educação no ginásio Constâncio Vieira, biblioteca Epifânio Dórea e sendo destaque na comemoração do dia da consciência negra na praça Fausto Cardoso por cinco anos consecutivos.





ESPETÁCULO V (2011)

Retrospectivas

Em seu quinto ano de existência, o projeto Um Quê de Negritude tem trabalhado na concepção, elaboração e montagem de mais um espetáculo de exaltação à cultura negra. Mais que isso, um louvor às nossas origens. “RETROSPECTIVAS” será um espetáculo audiovisual composto por danças e apresentações de músicas. Cada bloco de apresentação representará um ano diferente em que os movimentos das forças da natureza e os orixás responsáveis por este mover foram elucidados pelo projeto. Haverão ainda blocos de danças que destacarão resistência e luta do negro pela preservação de suas origens, sua cultura e seus costumes.

Na elaboração do espetáculo tem sido imprescindível o processo de pesquisa pelo qual os alunos estão passando. Em rodas de debates, discussões, mostra de vídeos estão sendo esclarecidos pontos fundamentais na análise de quem são os orixás, o que representam e porque se manifestam. Todas as dúvidas com relação às religiões negras tendem a ser dirimidas para que o olhar do aluno e sua presença o palco possam reiterar o seu conhecimento acerca daquilo que apresenta.

As danças retratam isso. O envolvimento dos alunos na concepção artística de cada uma das coreografias e o entusiasmo apresentado nos ensaios e apresentações podem constatar o objetivo desse projeto: desmistificar e apresentar ao alunado uma cultura de riqueza inestimável e exuberante beleza – a cultura negra.



ESPETÁCULO VI (2012)

Zumbi - Amor e liberdade

Pelo sexto ano consecutivo, o grupo “Um Quê de Negritude”, traz a cartaz mais um grande espetáculo. Um grupo novo mais com uma qualidade performática de que já está há muito tempo na estrada lutando por aquilo que acredita, pois vive é dentro do engajamento pela Liberdade, Igualdade e a Fraternidade, ideais tão defendidos pela Revolução Francesa, que a luta de igual monta se faz até hoje dentre a sociedade brasileira.

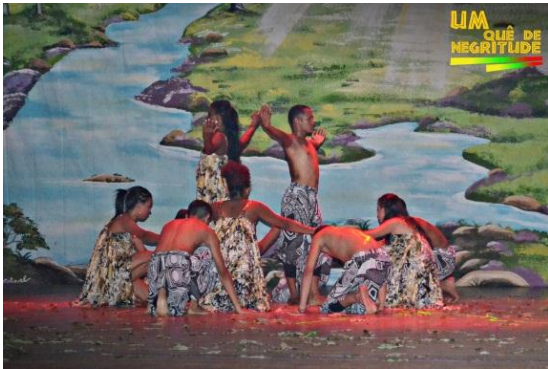


O espetáculo desse ano foca na luta de um grande herói, ZUMBI, uma história de Amor na luta pela liberdade de um povo responsável por tecer a riqueza apropriada por uma parcela não representativa do ideal social, cristão e político ao longo de nossa história. Esse herói que nasceu escravo foi tomado para os serviços religiosos chegando até ser batizado. Como cristão, não poderia negar-se a ver a injustiça da luta dos seus irmãos pelos ideais trazidos da África, onde o castigo impellido pelo dominador não o fez abandonar suas crenças, pelo contrário mostrou-se inteligente, embora a própria igreja lhes negasse o direito à alma, fundindo as suas crenças dando origem ao sincretismo onde pode professar a sua fé. Nem muito menos de esmorecer pelos castigos físicos, o que poderia fazer com que esse povo caísse aos pés do colonizador, sendo assim um estímulo a enfrentar o bom combate como grande filho de OGUM.

Na serra da Barriga - Alagoas -, floresceu uma sociedade multicultural (índios, negros e homens libertos que diante do tratamento que recebia dos seus pares, eram tratados como negros, índios), essa povoação onde a relação de igualdade na sua prática mostrava ser pertinente as demais esferas da sociedade sem lhes trazer prejuízo, pois o pão seria compartilhado com todos e a miséria se não banida poderia ser praticamente exterminada. Ganga Zumba, primeira grande liderança do Quilombo dos Palmares, mostra o caminho a ser seguido pelo seu sucessor e sobrinho Zumbi dos Palmares que conduz o seu povo ao enfrentamento do homem branco e impondo sucessivas fazendo com que a 3 de março de 1687, Domingos Jorge Velho assinou com o governador João da Cunha Souto Maior as condições para atacar o quilombo dos Palmares. Em 3 de dezembro de 1691, o governador de Pernambuco, o Marquês de Montebelo, confirmou as disposições acertadas antes entre Souto Maior e Domingos Jorge Velho para a campanha de destruição dos mocambos. O contrato foi ratificado pelo Marquês no mesmo dia e confirmado pela Carta Régia de 7 de abril de 1693, que estipulava as mútuas obrigações. Domingos Jorge Velho marchou imediatamente ao local, dando início a anos de combate. Contou com constantes reforços de contingentes novos, inclusive de Bernardo Vieira de Melo, mais tarde promotor da Guerra dos Mascates. Apenas em 1695 estaria o quilombo destruído. Calcula-se que no Quilombo de Palmares viviam quinze mil negros fugidos à escravidão. No mesmo ano de 1695, foi morto Zumbi.

A morte de Zumbi dos Palmares não representou a derrota de um povo pela conquista de direitos inerentes à espécie humana e ratificada pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. Sua morte representou e representa a luta diária pelo respeito às diferenças, onde

essa característica multifacetada, plural da nossa sociedade nos faz reconhecer como uma sociedade inventiva e capazes de superar as adversidades que seja imposta pelo curso natural das coisas ou até mesmo, pela imbercilidade de uma "elite" sociocultural que embora não reconheça venha constantemente beber na fonte das comunidades denominadas de 'subalternas'".



POR QUE APOIAR?

Realizar um trabalho dessa natureza é sempre muito difícil por ser este um caminho cheio de barreira: o preconceito da sociedade, a negligência das autoridades e, principalmente, a falta de apoio do Estado e das empresas públicas e privado para com a cultura.

Apesar de ser lei tanto em âmbito nacional quanto estadual é notável o desinteresse de grande parte das direções, coordenações, professores e alunos dos colégios de nossa cidade para com o tema “História e Cultura Afro-brasileira”. Desinteresse maior ainda é notado quanto ao apoio de organizações para com este tipo de projeto. Por isso é que padecemos dos mais desagradáveis infortúnios na nossa busca por apoio. A cultura no Brasil parece ser um artigo de luxo para o qual a maioria da população não tem tempo. As empresas cada vez menos se interessam pelo assunto e assim, gradativamente, vamos esquecendo-se de valorizar o que temos de mais importante.

O Um Quê de Negritude acredita no mover cultural como agente transformador da realidade em que vivemos através da aliança entre educação, esporte, lazer e cultura. E, entre tantos outros fatores, é que buscamos pessoas, empresas e organizações que acreditam nesse ideal de transformação e apoiem o nosso projeto. Como forma de agradecimento, divulgamos maciçamente os nomes e logomarcas dos nossos patrocinadores para que o público conheça as instituições que acreditam na cultura e para servir de exemplo a outras empresas que ainda não despertaram para a sua real responsabilidade junto à sociedade que a cerca.

CONTATOS

E-mail: uqnegritude@hotmail.com

Youtube: Um Quê de Negritude

Pagina do Facebook:

<http://www.facebook.com/umquedenegritude>

Facebook: <http://www.facebook.com/uqd.negritude>

“Fundiram suas almas, suas culturas, como se fundem os matizes de uma original tintura extraída de diferentes raízes pra assim tornar possível uma pintura nova, fecunda e arrojada. (...) Não há como unificar os homens, nem como agrupá-los numa única fé, nem tampouco por que. E é bem mais bonito saber que Deus manifesta-se de muitas formas diferentes, e de que em nenhum lugar é ausente.”

Alabê de Jerusalém – Altay Veloso